



Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Departamento de Educação Intercultural

XII Seminário de Educação - SED  
23 a 25 de Outubro em Ji-Paraná-RO

**Resistência Originária**  
Povos indígenas e Paulo Freire

## ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: INICIAÇÃO À CULTURA ESCRITA NA BAÍA DAS ONÇAS, T. I. RIO GUAPORÉ<sup>4</sup>

Marli CUJUBIM <sup>1</sup>  
Armando JABUTI <sup>2</sup>  
Josélia Gomes NEVES <sup>3</sup>

### RESUMO

Este trabalho resultou do estudo realizado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia, na UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. O objetivo principal do Plano de Trabalho foi analisar de forma introdutória, como as crianças da Escola Indígena Alexandrina do Nascimento Gomes, Aldeia Baía das Onças, Terra Indígena Rio Guaporé, em Guajará-Mirim-RO, aprendem a ler e escrever. Além da pesquisa bibliográfica, a metodologia considerou a pesquisa narrativa e documental. O estudo aponta que na atualidade, a alfabetização na Aldeia Baía das Onças ocorre em língua portuguesa, por meio de assuntos relacionados ao conhecimento das crianças através de atividades baseadas na cartilha. Mas observamos que há registros que sugerem a presença de trabalho bilíngue em língua portuguesa e língua Djeoromitxí. Concluímos que é importante propiciar na formação docente – inicial e continuada outras perspectivas sobre as aprendizagens de acesso inicial à cultura escrita de modo que possam corresponder aos interesses e necessidades das crianças indígenas e dos adultos na atualidade tecnológica.

**Palavras-chave:** Povo Indígena Djeoromitxí. Baía das Onças. Cultura escrita.

### 1 INTRODUÇÃO

Este estudo foi mobilizado pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas

---

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena (2018-2020).

<sup>1</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: marlicujubim7@gmail.com.

<sup>2</sup> Supervisor, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: armandojaboti@gmail.com.

<sup>3</sup> Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: joseliagomesneves@gmail.com.

indígenas de Rondônia, na UNIR - Campus Urupá de Ji-Paraná. As tarefas previstas no Plano de Trabalho consistiam em analisar em perspectiva inicial como as crianças da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental e Médio Alexandrina do Nascimento Gomes aprendem a ler e escrever tendo em vista a importância da escrita no mundo atual. Além desta atividade, foi produzido o Memorial de Alfabetização e a realização de leituras e debates. O referencial teórico necessário à elaboração deste trabalho considerou, dentre outras, as contribuições de Armando Moero Jabuti (2015), Mignot (2008), Neves (2009), Monserrat (2018), Maldí (1991), Freire (2002), além de documentos oficiais (BRASIL, 1998).

## 2 METODOLOGIA

Para desenvolver o Subprojeto: *Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos*, um estudo que se caracteriza como qualitativo, onde, “[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte [...]”. (GODOY, 1995, p. 21), utilizamos além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa narrativa e a pesquisa documental.

A pesquisa narrativa constitui um recurso decolonial por levar em conta os saberes dos sujeitos envolvidos no estudo, neste caso, a história de alfabetização da bolsista, um procedimento que permite, “[...] integrar investigação e formação no mesmo processo [...]”. (CUNHA, 1997, p. 191). Recorremos também à pesquisa documental (GIL, 2008) tendo em vista a necessidade de coletar e analisar as atividades presentes dos cadernos escolares (MIGNOT, 2008) das crianças indígenas.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Aldeia Baía das Onças está localizada na Terra Indígena Rio Guaporé, em Guajará-Mirim, Rondônia, território homologado em 1996. Ela foi instalada por meio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1990. A população inicial foi formada por famílias que ali já moravam pertencentes aos povos Macurap e Cujubim, bem como de famílias do Povo Djeoromitxí, que residiam anteriormente na Aldeia Ricardo Franco. (JABUTI, 2015). Vale informar que o nome “Jabuti” foi uma forma errônea de

interpretação do nome tradicional desta etnia, na época da colonização e esta grafia permanece nos dias atuais.

Em relação a etnia do supervisor do Pibid Indígena, este povo é falante da língua Djeoromitxi da família Jabuti. Em tempos imemoriais, estes indígenas viviam nas proximidades dos rios Branco - *Areko* e no Rio Figueira, conhecido pelos indígenas como *Komã*. “[...]. Nesta localidade o povo viveu por [...] anos, praticamente conhecido por eles como o território de sua origem, onde estão todas as histórias mitológicas do povo [...]”. (JABUTI, 2015, p. 4). O estabelecimento do contato ocorreu no início do século passado, 1910-1920 no tempo dos seringais: “[...]. Os encontros iniciais foram hostis: houve rapto de índias e, possivelmente, mortes. [...]”. (MALDI, 1991, p. 229). Só depois de certo tempo foram para o Vale do Guaporé onde buscam reorganizar suas vidas.

Já o Povo Cujubim, etnia da bolsista Marli que reside na Aldeia Baía das Onças, é falante da língua Kujubim, família Txapakura (MONSERRAT, 2018). A localização tradicional dos Cujubim, era nas proximidades do Rio Cautário, Igarapé Cujubim, Seringal São Tomé e Poção (LEONEL JR., 1984). Desde os anos 2000, este povo tem realizado mobilizações políticas na luta por suas terras de origem. (CIMI, 2006, p. 1)<sup>4</sup>.

Na atualidade, a Aldeia Baía das Onças é composta por 120 (cento e vinte) pessoas organizadas em 11 (onze) famílias. É uma comunidade multiétnica formada pelos Povos Djeoromitxi, Macurap, Canoé, Cujubim, Arikapú, Aruak, Massaká, Oro At Gavião e Wajuru e multilinguística - a comunidade utiliza pelo menos 3 (três) línguas em seus processos comunicativos: Português, Djeoromitxi e Makurap. O acesso à aldeia é exclusivamente por meio de transporte aquático.

Em relação às lembranças de como foi alfabetizada, a bolsista narra que aprendeu a ler e escrever na escola da Aldeia Baía das Onças por meio de um parente próximo: “O meu primeiro professor alfabetizador foi o meu tio José Roberto Jabuti. Apesar das regras maldosas que existia naquela época, [...] ele foi um excelente professor. [...] trabalhava o alfabeto, vogais, pequenas leituras [...]”<sup>5</sup>. A

---

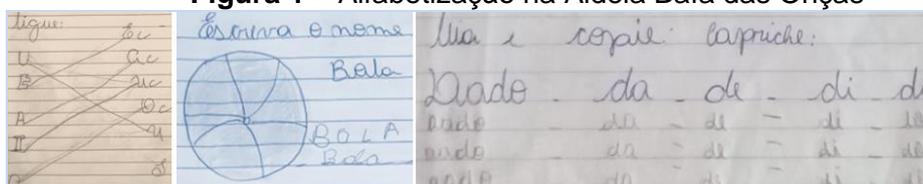
<sup>4</sup> Povo Cujubim realiza sua 4ª Assembleia em Rondônia (<https://cimi.org.br/2006/12/25612>).

<sup>5</sup> Fragmento extraído do Memorial de Alfabetização de Marli Cujubim, produzido em setembro de 2019 como uma das atividades do PIBID Indígena da UNIR – Campus Urupá de Ji-Paraná-RO.

reflexão a partir da memória é importante por possibilitar discussões sobre os referenciais que influenciam o fazer pedagógico futuro, pois, “[...] o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca”. (FREIRE, 2002, p. 39). O memorial produzido informa que o material adotado era a cartilha Pipoca, uma evidencia presente em outras aldeias indígenas. Acrescenta que o professor utilizava as narrativas orais, um trabalho importante porque é “[...] função da escola [...] desenvolver nos alunos a competência necessária para que eles possam entender e falar sobre os novos conhecimentos introduzidos pelo próprio sistema escolar. [...]”. (BRASIL, 1998, p. 124).

As atividades escolares coletadas e analisadas nos estudos do Pibid Indígena foram produzidas na EIEEFM Alexandrina do Nascimento Gomes, Decreto nº 1537/1992, código INEP 11005912 em turmas de alfabetização do 1º e 2º ano em 2019. Após autorização docente, foram fotografadas de 10 (dez) a 15 (quinze) atividades para: “[...] examinar o vivido na sala de aula, [...] os cadernos escolares, que passam a ser considerados importantes [...] fonte de pesquisa”. (MIGNOT, 2008, p. 7), fase da pesquisa documental, com uso de materiais que não foram analisados (GIL, 2002). Os cadernos contam que a alfabetização inicia com as vogais, desenhos, sílabas e palavras em língua portuguesa, partindo de objetos conhecidos pela criança em âmbito intercultural.

**Figura 1 – Alfabetização na Aldeia Baía das Onças**

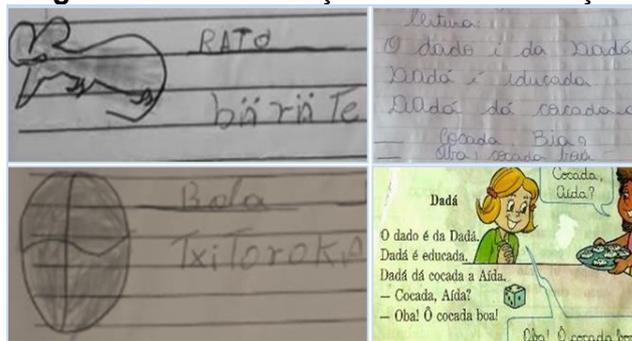


Créditos: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Rio Guaporé

Foi possível observar as influências do livro didático, caso das cartilhas, presentes nos cadernos escolares, veiculadas em língua portuguesa, considerada “[...] a língua dominante da aldeia, ou seja, a língua comum do povo”. (JABUTI, 2015, p. 2). Mas, como já mencionamos há falantes de línguas indígenas na aldeia.

E como essa prática social e linguística repercute na escola? A língua Djeoromitxí se materializa no currículo na pós-alfabetização, em componente curricular específico do 6º ao 9º ano. (JABUTI, 2015). Mas, a observação dos escritos ou cópias das crianças evidencia ensaios bilíngues, caso das atividades de “rato” e “bola”, o que demanda aprofundamentos de estudos futuros.

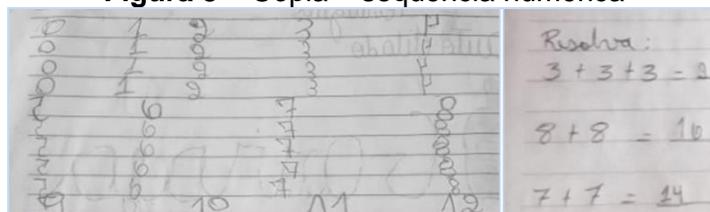
**Figuras 2 – Alfabetização na Baía das Onças**



Créditos: Bolsista PIBID Indígena - T. I. Rio Guaporé

Mas e a Matemática, o que os registros evidenciam? A introdução à compreensão nesta área ocorre mediante apresentação dos numerais cardinais: “Estudar o sistema decimal de numeração é, [...], muito importante. É o sistema mais comumente empregado pela matemática ocidental e é hoje utilizado praticamente em todo o mundo, [...]”. (BRASIL, 1998, p. 172), seguido de cálculos de adição.

**Figura 3 – Cópia – sequência numérica**



Créditos: Bolsista PIBID - T. I. Rio Guaporé

Observamos que embora seja uma atividade de transcrição, a forma como os numerais 4 (quatro) e 5 (cinco) foram grafados evidencia espelhamento, situação comum neste processo e evidencia autoral. Como as aprendizagens da leitura e escrita acontecem em português, possivelmente, o trabalho da matemática segue

orientação semelhante, sem a presença do pensamento etnomatemático das etnias presentes na Aldeia Baía das Onças.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos desenvolvidos neste trabalho decorreram da realização do Sub Projeto PIBID Indígena da UNIR, ocorridos de abril a outubro de 2019, correspondendo a 7 (sete) meses, período que não correspondeu ao Edital 2018 (CAPES). Esse transtorno acarretou prejuízos para a atividade considerando a brusca interrupção de participação da estudante. A alfabetização na Aldeia Baía das Onças envolve influência das cartilhas: cópias de letras, sílabas e palavras em língua portuguesa. Um modelo que tem sido questionado por não considerar a participação estudantil e o atual conhecimento sobre as aprendizagens da escrita no contexto tecnológico. Avaliamos que é importante construir aproximações entre a realidade social multiétnica e multilinguística e as práticas pedagógicas como meio de propiciar sentidos ao trabalho escolar, além de valorizar as múltiplas identidades étnicas presentes na Aldeia Baía das Onças.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

LEONEL JÚNIOR, Mauro de Mello. **Relatório de Avaliação das Comunidades indígenas da Área Indígena do Guaporé, Ex-P. I. Ricardo Franco** (Tupari, Macurap, Uari, Aruá, Jaboti, Arikapu, Mequem, Ajuru (Wayoró), Massacá, Canoé e Arara). Outubro, 1984.

MALDI, Denise. O Complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do médio Guaporé. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia**, Belém, v. 7, n. 2, p. 209-269, 1991.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

MOERO JABUTI, Armando. **O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Indígena Alexandrina do Nascimento Gomes**: resultado de participação comunitária? Orientadora: Josélia Gomes Neves. 2015. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2015.

MONSERRAT, R. M. F. Memória das atividades realizadas junto aos povos Puruborá e Kujubim, Rondônia, constantes em dois relatórios de viagem do regional do CIMI/RO, de 2015 e 2017. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Volume 10, Número 1, Julho de 2018.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.